



O FEMININO COMO 'OUTRO': UMA ABORDAGEM ACERCA DA ALTERIDADE NA ANTIGUIDADE GREGA

Talita Nunes Silva Gonçalves¹

Resumo: O presente artigo visa fazer uma breve discussão sobre o conceito de alteridade e seu uso nas pesquisas referentes a antiguidade grega para posteriormente abordar a construção da identidade helênica e, mais especificamente, a do cidadão ateniense por meio da contraposição com o feminino.

Palavras-chaves: Identidade, alteridade, cidadão, Atenas, feminino.

Este artigo tem por objetivo inicial apresentar como o conceito de 'alteridade' tem sido abordado nas pesquisas em História Antiga e, particularmente, na Antiguidade Grega. Num segundo momento, propomos uma reflexão concernente à construção da identidade helênica em contraposição a figura do 'Outro', o que se deu principalmente após o fim das guerras contra os persas. Por último, abordamos a alteridade feminina e a sua particularidade de se constituir um 'Outro' dentro da própria cultura grega e, especificamente, na ateniense.

A noção moderna de 'alteridade' surge na década de 1960 no bojo dos estudos feministas e das pesquisas relativas aos esquecidos, isto é, aos excluídos da história (dentre os quais podemos citar as mulheres, os escravos e os pobres). Tais estudos refletem intensamente sobre o significado deste conceito na sociedade. As concepções relativas à 'alteridade' se disseminaram por outros campos de estudo, como a antropologia e a ciência política, por meio da adaptação gradativa das ideias do filósofo Emmanuel Lévinas. Seu pensamento encontra-se articulado em *Alterité e transcendance* (1995), obra que reúne uma coleção de artigos publicados entre a década de 60 e o final dos anos 80.

¹ Doutora em História Antiga e professora substituta da Universidade Federal Fluminense. Endereço eletrônico: talita.nunes@uol.com.br.



Raphaël Weyland, pesquisador que trabalhou com o tema *Visions de l'altérité dans l'Antiquité: l'historiographie et le cas des Perses sassanides* (2012), ao refletir sobre a 'alteridade' pondera que os trabalhos publicados nos últimos anos sobre o assunto "nos mostram que cada um rejeita por meio da figura do 'outro' (uma figura externa) as características que sua cultura considera negativas" (WEYLAND, 2012, p. 4). O autor observa que "este 'outro' não é necessariamente étnico: ele pode ser também econômico, sexual ou mesmo político. O estudo da maneira como o outro é representado permite, portanto, compreender melhor os valores importantes da sociedade do emissor destas opiniões.

O trabalho de Weyland, relativamente recente, mostra que a noção de 'alteridade' e os questionamentos suscitados por ela alcançaram igualmente as pesquisas em história antiga. Há um bom número de publicações que se inserem nesta perspectiva dentre as quais podemos destacar o livro *O espelho de Heródoto* (1999) do historiador francês François Hartog. Esta obra tem sido, desde sua publicação, muito importante para a reflexão relativa à alteridade e a maneira como ela foi descrita. Neste livro Hartog se concentra especialmente sobre o modo como Heródoto descreveu os costumes dos citas e apresenta as contradições entre os relatos do historiador antigo e os dados arqueológicos. Por meio da análise das Histórias de *Heródoto* o historiador francês busca examinar a 'psiquê' grega. Para Hartog a identidade de um povo na antiguidade é definida pela documentação textual por meio da contraposição a um 'outro'. A identidade grega seria, portanto, delineada em oposição às características de outros povos. Obras como as de Edith Hall, *Inventing the Barbarian* (1989), e de Paul Cartledge, *The Greeks: A Portrait of Self and Others* (1993), se inserem igualmente nesta perspectiva.

Quanto às publicações mais recentes destacamos aqui *Rethinking the Other in Antiquity* (2011) de Erich Gruen, *The Invention of Racism in Classical Antiquity* (2004) de Benjamin Isaac e *The invention of Greek ethnography: from Homer to Herodotus* (2012) de Joseph Edward Skinner. A escolha por mencionar estas obras se deve a fornecerem um indicativo das discussões atuais referentes à questão 'alteridade' e 'antiguidade'. Gruen se concentra nos gregos, romanos e judeus, enquanto Isaac nos dois primeiros e Skinner especificamente na Grécia antiga. Erich Gruen busca se contrapor aos trabalhos publicados sobre alteridade na documentação antiga. Ele critica a visão prevalecente entre os classicistas de que os povos da antiguidade reforçavam sua auto-percepção se contrapondo com o 'Outro' frequentemente através de estereótipos e caricaturas hostis. Gruen pretende mostrar como as atitudes dos antigos com relação ao 'Outro' não expressam simplesmente contraste e alienação,



mas também constantemente reciprocidade e conexão. No entanto, acaba exagerando a importância das passagens que descrevem o 'Outro' de forma positiva. Já Benjamin Isaac reitera a persistência dos comentários negativos com relação aos 'Outros' povos na documentação antiga. Isaac procura refutar a crença comum de que os antigos gregos e romanos nutriam preconceitos étnicos e culturais, mas não raciais. Sua definição de 'racismo' e o fato de se concentrar na documentação textual tem sido criticados.

Quanto ao livro de Skinner seu objetivo é suplantando a visão tradicional de que a etnografia grega é um feito do século V a.C. O autor analisa os escritos deixados pelos grandes autores da antiguidade com o intuito de perceber como os gregos antigos representavam outros povos e a si mesmos. Neste sentido, busca mostrar que os discursos de alteridade e identidade são na realidade muito mais antigos do que os apresentados na literatura etnográfica relativa às guerras entre gregos e persas. Skinner vê o percurso da etnografia grega como começando com Homero e segue este movimento até Heródoto. Para ele a obra deste historiador antigo, fundamental para a etnografia helênica, delimita o que é ser grego. Com relação a este aspecto, isto é, ao que é ser grego Jonathan Hall reconhece a guerra contra os persas como um momento decisivo no modo como os helenos concebiam sua própria identidade. Até então, observa o autor, a afiliação étnica (identidade étnica) era preponderante na construção da auto-identidade helênica.

Em *Hellenicity: Between Ethnicity and Culture* (2002) Jonathan Hall define a *etnicidade*. Destacamos aqui alguns dos elementos de sua definição: 1) O grupo étnico é uma auto-definição de uma coletividade social que se constitui em oposição a outros grupos de uma ordem semelhante; 2) Língua, religião, traços culturais e elementos biológicos podem parecer ser marcadores de identificação, mas em última instância eles não definem o grupo étnico. Eles são *marcadores superficiais*; 3) Os *elementos centrais* que determinam a participação no grupo étnico - e o distingue das demais coletividades sociais - são uma suposta descendência comum e parentesco, uma associação a um território específico e um sentido histórico compartilhado. Nesta definição, a descendência e parentesco comum (fictício ou não) assumem uma posição central. Jonathan Hall, no entanto, argumenta que a base definidora da identidade helênica mudou de étnica para um critério cultural durante o século V a.C. Para Hall, assim como para a maioria dos historiadores, a guerra contra os persas fez entrar em cena a figura do bárbaro que passou a ser equivalente a 'não-grego'. A emergência da imagem estereotipada do bárbaro no século V a.C. foi frequentemente considerada como um fator fundamental para a auto-

definição helênica. Entretanto, regularmente se supôs que helenos e bárbaros eram categorias irremediavelmente opostas.



Contrariamente, a essa posição Jonathan Hall considera que mais comumente os bárbaros não eram vistos como uma categoria diametralmente oposta. Pois se considerava que poderiam ser incluídos entre os helenos. Isto é, um bárbaro poderia se tornar grego se adotasse a língua, os costumes e as práticas gregas. Para hall a possibilidade desse cruzamento só era possível porque a identidade grega passara a ser compreendida primeiramente em termos culturais. O historiador observa também que a definição de helenicidade no Livro VIII das *Histórias* de Heródoto coloca os laços de sangue no mesmo nível dos critérios culturais. Contudo, no plano de fundo das *Histórias*, as considerações culturais acabam por superar as noções étnicas nas definições dos grupos populacionais. Jonathan Hall observa que mesmo em Tucídides os bárbaros aparecem num estágio de desenvolvimento cultural mais primitivo do que os gregos. Mas há uma suposição implícita de que os bárbaros podem se tornar mais helênicos por meio da convergência cultural. Os escritores antigos do século V a.C., mas também do IV a.C., conceberiam assim as diferenças humanas em termos mais culturais.

Neste sentido, Geneviève Proulx em *Femmes et féminin chez les historiens grecs anciens* (2008) pontua que Heródoto ao desenvolver o tema central de suas *Histórias* (as guerras entre os gregos e persas) e considerar a questão das diferenças culturais acaba por conceder um lugar às mulheres no estudo dos *nomoi* dos bárbaros. Deste modo, as atividades das mulheres nas exposições etnográficas tornam-se importantes critérios de descrições. Das 375 ocorrências de mulheres nas *Histórias*, segundo Carolyn Dewald em *Women and culture in Herodotus' Histories* (1981), 212 as apresentam como ativas (agindo de várias maneiras) e neste caso mais da metade das ocorrências se encontram em descrições etnográficas. Além disso, Geneviève Proulx mostra que as personagens femininas que aparecem individualizadas são também muito presentes em Heródoto. Estas mulheres que desempenham um papel no desenvolvimento dos eventos são mais frequentemente pertencentes aos 'bárbaros'. O fato destas mulheres que aparecem como personagens individualizadas e das passagens que retratam as mulheres em posição ativa se referirem mais comumente a não-gregas apontam distinções entre os costumes dos helenos e dos 'bárbaros'.

Desta forma, notamos que o 'Outro' assume um importante papel na definição da identidade grega, especialmente após as guerras contra os persas quando o termo '*bárbaroi*' que se refere - como nos mostra Edith Hall - primeiramente aos persas acaba por incorporar o significado mais genérico



de não-grego. No entanto, a definição do que é ser grego não se dá apenas em oposição ao *bárbaro*. Ele não é o 'Outro' absoluto. A cidade grega - e destacamos aqui que não só as *pólis* com regimes democráticos -subsistia por meio de exclusões, isto é, por meio da segregação das diferenças existentes internamente. Barbara Cassin e Nicole Loraux no prefácio da obra *Gregos, Bárbaros, Estrangeiros: A cidade e seus outros* (1993) asseveram que a cidade grega, se referindo as *pólis* que foram democracias, funcionava por meio de dois tipos de exclusões: *exteriores* (estrangeiros e bárbaros) e *interiores* à *pólis* (mulheres, metecos, escravos). Isto posto, iremos nos concentrar daqui em diante no papel da mulher como 'Outro', ou seja, como um dos 'Outros' em contraposição aos quais o homem grego se definia. Ademais, centraremos nossa análise na Atenas Clássica e no papel do feminino na construção da cidadania ateniense, isto é, na definição do cidadão.

Marta Mega de Andrade ao falar de seu livro *A cidade das mulheres: cidadania e alteridade feminina na Atenas Clássica* (2001) afirma que ele tenta evidenciar a profunda alteridade que o gênero feminino representa na cultura clássica. Nesta obra, por meio do teatro ateniense de Eurípides e Aristófanes, Andrade busca observar o papel das mulheres (particularmente das 'cidadãs') na construção da cidadania ateniense. A relação do feminino com a cidadania surge devido ao fato de que a definição da cidadania implica o reconhecimento de si e a delimitação do 'Outro'. Sua definição se dá, portanto, em oposição aos 'Outros', ou seja, aos não-cidadãos. O feminino faz parte desta 'alteridade' e no espaço do teatro a representa. Em Eurípides e Aristófanes vemos a mulher como o 'Outro' na *pólis*. No entanto, a alteridade que ela simboliza é fundamental para a existência da comunidade *poliade* e da cidadania. Não só pelo papel que a *pólis* institucional lhe reserva na procriação de filhos legítimos e nas festas cívicas, mas também pela sua atuação no cotidiano (os espaços que ocupa na *pólis* dos habitantes). O teatro mostra assim que o papel da mulher era muito mais amplo do que o que lhe era destinado pela 'comunidade dos cidadãos'. Assumindo a sua 'alteridade', seu caráter dúbio e potencialmente subversivo, vemos em Eurípides as mulheres inseridas em espaços que lhe são negados como o da discussão política. Já em Aristófanes a presença delas na cidade é apresentada como uma possibilidade de governo do feminino.

Em nosso entender, Marta Mega de Andrade considera que ao assumir sua 'alteridade' as mulheres (e aqui se refere às 'cidadãs') ocupavam a *pólis* no cotidiano, assumindo deste modo uma relação ativa com a cidade. Ao contrário do que o modelo de recato, silêncio e reclusão lhes prescrevia, ao ocupar a 'cidade do cotidiano' as 'cidadãs' se apropriavam da sua característica como 'Outro'. A autora pontua que ao representar as mulheres ocupando espaços



o teatro as mostra, por meio do desempenho de sua alteridade, tomando uma posição ativa na *pólis*. Já os discursos políticos, como o *Econômico* de Xenofonte, apagariam a característica do feminino como 'Outro' ao mostrar as mulheres integradas ao papel ('rainha do lar') que a cidade lhes confere como vemos abaixo:

Então, ordenei a minha esposa a se acostumar a ser, também, disse, ela mesma, a guardiã das leis de nossa casa, a inspecionar, quando a ela mesma parecesse conveniente, os utensílios da casa, como o comandante de uma guarnição inspeciona e examina se cada soldado está em boa condição, como o conselho examina os cavalos e seus cavaleiros, a elogiar e a honrar, como uma rainha, a quem for digno de ser e a reprovar e castigar a quem disso precisa (XENOFONTE, *Econômico*, IX, 14-15).

Deste modo, para a historiadora a *pólis* ateniense era também uma '*pólis* das mulheres'.

Marta Mega de Andrade pretende assim fazer ver que o tal 'clube de homens' que teria sido a cidade grega (modelo que a historiografia ao longo do tempo reproduziu) era na verdade apenas uma parte do que constituía a cidade. A *pólis* que as mulheres ocupavam (a cidade das mulheres) não era a 'comunidade dos cidadãos', a *pólis* institucionalizada, mas sim a 'cidade cotidiana'. As 'cidadãs' transitavam entre as duas cidades. A dos cidadãos e suas famílias (a 'cidade dos incluídos') e a dos outros (ocupada pelos 'excluídos', isto é, por aqueles que não eram cidadãos). Ademais, segundo Violaine Sebillotte Cuchet, as mulheres também desempenhariam o político. Embora não como os cidadãos masculinos que o desempenhavam, por exemplo, por meio de sua atuação na assembléia. De acordo com a historiadora, a

prática cívica funcionava, factualmente, graças à inclusão do lado escondido do "político", ou seja, as cidadãs. (...). Nas práticas cívicas, únicos lugares efetivos do político, operavam cidadãos e cidadãs. Essas práticas incluíam, para os primeiros, assembleias deliberativas e judiciárias e, para todos, os rituais comuns (incluindo o teatro), o intercâmbio de bens (terras, principalmente) e de pessoas (casamentos e adoções) (CUCHET, 2015, pp. 17-18).

Isto posto, retomemos a perspectiva de análise de Marta Mega de Andrade com relação a caracterização de feminino em Xenofonte.

Ao contrário do que Andrade afirma, não consideramos que "a alteridade feminina se perde em Xenofonte". Acreditamos que ela ainda está presente em



seu discurso. Mesmo que o perigo do 'Outro' feminino pareça apaziguado pela integração da mulher como esposa e rainha do lar, a alteridade representada pelo feminino ainda está presente. Pois no *Econômico* as atividades de Iscômaco e os espaços em que deveria desenvolver preferencialmente suas funções (o espaço público) se contrapõem as atividades de sua esposa e ao espaço no qual as deveria desempenhar (o *oikos*). Embora as atividades de Iscômaco e de sua esposa se complementem não deixam de ser diferentes. Por conseguinte, o papel do 'cidadão' e suas atribuições são delimitados em contraposição ao da 'cidadã'. Desta forma, mesmo neste discurso no qual o feminino é integrado (adequado) ele ainda representa o 'Outro'. E consideramos que mesmo quando a 'cidadã' procura observar os preceitos de comedimento, silêncio e reclusão elas carregam o estigma da suspeita. Violaine Sebillotte Cuchet pontua que

as cidadãs nunca foram uma classe à parte, nem tampouco foram percebidas pelos cidadãos como um grupo ameaçador ou reivindicativo. Às vezes, as mulheres, enquanto mães e esposas, enquanto parceiras sexuais e parceiras de filiação, excitaram a imaginação, o desejo ou o ódio dos homens, e não as cidadãs, enquanto tais (CUCHET, 2015, pp. 17-18).

No entanto, mesmo que as 'cidadãs' enquanto grupo não despertassem o temor dos homens consideramos que como mulheres elas levavam consigo o peso do estigma referido acima. Pois, as mulheres são 'filhas de Pandora': personagem mítica que personifica a alteridade do feminino no pensamento grego.

Pandora é a primeira mulher. Dela descende todo o *genos gunaikon*. A narrativa mítica de sua criação se encontra nos poemas *Teogonia* e *Os Trabalhos e os Dias* de Hesíodo. O mito de Pandora, assim como os de outras sociedades, se insere no conjunto de narrativas míticas que ao abordar a criação da mulher explicam o porquê existem dois sexos e não apenas um. Em tais narrativas a mulher é frequentemente um adendo na criação. Isto é, ela é criada posteriormente a emergência do homem. O motivo dessa criação secundária é explicado com frequência nos mitos por uma atitude de uma divindade masculina visando atingir os homens. Na tradição judaico-cristã a criação de Eva no livro do *Gênesis* é mostrada como um ato de compaixão divina: a mulher é criada para amenizar a solidão do homem. Já no mito grego, o surgimento de Pandora decorre da fúria de Zeus. Independente do motivo de sua criação, o surgimento da mulher estabelece a condição humana. Isto é, a mulher "introduz a morte, a angústia e o mal no mundo," assim como o trabalho penoso (ZEITLIN, 2003, p. 59).



É esta temática, o estabelecimento da condição humana - a diferenciação entre homens e deuses, juntamente com a origem do cosmos e a repartição das prerrogativas e domínios entre as divindades olímpicas que constitui o assunto da *Teogonia*. Como punição ao ardil do titã Prometeu por roubar o fogo, Zeus cria a mulher: um mal sobre a aparência de um bem. E mesmo se o homem resolve se apartar dele fugindo do casamento não fica imune aos efeitos danosos que surgem com a criação da mulher:

Quem quer que, fugindo do casamento
e atos perniciosos das mulheres,
escolhe não se casar chega a velhice destrutiva
sem alguém para cuidar dele em sua avançada idade.
(HESÍODO, *Teogonia*, vv. 603-605)

Em *Os Trabalhos e os Dias*, Hesíodo também aborda a partir dessa perspectiva o surgimento da mulher:

Então encolerizado disse o agrega-nuvens Zeus:
'Filho de Jápeto, sobre todos hábil em suas tramas,
apraz-te furtar o fogo fraudando-me as entranhas;
grande praga para ti e para os homens vindouros!
para esses em lugar do fogo eu darei um mal e
todos se alegrarão no ânimo, mimando muito este mal.'
(HESÍODO, *Os Trabalhos e os Dias*, vv. 53-105)

Tema Livre

Por conseguinte, neste poema o poeta também aborda o estabelecimento da condição humana a partir da mulher. Hesíodo nomeia a primeira mulher como Pandora e se concentra na descrição detalhada dos dons (dolos) que lhe foram conferidos pelos deuses. Pandora que é dada ao irmão de Prometeu, Epimeteu, abre a jarra que continha todos os males os espalhando pelo mundo. A partir de então os homens conviverão com doenças e muitas angústias.

Antes vivia sobre a terra a grei dos humanos
a recato dos males, dos difíceis trabalhos,
das terríveis doenças que ao homem põem fim;
mas a mulher, a grande tampa do jarro alçando,
dispersou-os e para os homens tramou tristes pesares.
(HESÍODO, *Os Trabalhos e os Dias*, vv. 90-95)

No entanto, de acordo com Pauline Schmitt Pantel, o mito grego da criação da mulher vai mais longe do que outras narrativas da criação em sua avaliação negativa das mulheres (2009). Pois, como vimos, Pandora é um ardil criado por ordem de Zeus e utilizado com o objetivo de se vingar da astúcia



de Prometeu. Criada com a intenção de causar um dano a natureza da mulher é ser um mal (SCHMITT PANTEL, 2009, p. 196). Além disto, as mulheres (o *génos gunaikon*) no mito grego aparece como um grupo a parte. Embora a forma da mulher se assemelhe a humana, ela não pertence à humanidade. Entretanto, ela não pertence igualmente ao âmbito divino. O feminino é um 'outro' por natureza. Sua alteridade está ligada a ser um ardil, um engano e a sua natureza ambígua (não faz parte da humanidade e nem da esfera divina). Marta Mega de Andrade pontua que é devido a alteridade do feminino estar ligada a sua ambigüidade que ele pode representar o 'Outro' dentro de um *nomos*.

Destarte, em Hesíodo já podemos ver bem delineada a alteridade do feminino. Seus poemas, segundo Pauline Schmitt-Pantel, se tornaram canônicos no pensamento grego como narrativas da criação da ordem vigente do mundo e como base dos valores gregos. O mito de criação de Pandora representado em seus poemas teve, portanto, um impacto sobre a maneira como as mulheres foram vistas e o lugar que ocuparam na sociedade da Grécia Antiga. A negatividade com que Hesíodo representou às mulheres se tornou a base de uma atitude permanente com relação a este 'Outro'. Desta forma, seus poemas influenciaram os autores gregos das épocas posteriores que as trataram como uma ameaça a unidade da sociedade masculina (SCHMITT-PANTEL, 2009, p. 198). Acreditamos que essa atitude negativa com relação ao feminino baseada nas características que lhe foram atribuídas pelo mito de criação e que foram reproduzidas pelos demais autores gregos tiveram ressonância na 'exclusão' das mulheres da *pólis* institucionalizada.

Abstract: The present article aims to make a brief discussion about the concept of alterity and its use in researches concerning Greek antiquity to later address the construction of the hellenic identity and, more specifically, that of the athenian citizen through the opposition with the feminine.

Keywords: Identity, alterity, citizen, Athens, feminine.

BIBLIOGRAFIA

Documentação Textual:

HESÍODO. *Teogonia*. Trad. Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2006.

_____. *Os Trabalhos e os Dias*. Trad. Luiz Otávio de Figueiredo. São Paulo: Odysseus, 2011.

XÉNOPHON. *Économique*. Paris: Les Belles Lettres, 1949.



ANDRADE, Marta Mega de. **A cidade das mulheres: cidadania e alteridade feminina na Atenas Clássica**. Rio de Janeiro: LHIA, 2001.

CARTLEDGE, Paul. **The Greeks: A Portrait of Self and Others**. Oxford: Oxford University Press, 1993.

CASSIN, Barbara; LORAU, Nicole; PESCHANSKI, Catherine. **Gregos, Bárbaros, Estrangeiros: A cidade e seus outros**. Editora 34, 1993.

DEWALD, C. Women and culture in Herodotus' Histories. *In: Reflections of Women in Antiquity*. New York: Routledge, 1981.

GRUEN, Erich S. **Rethinking the Other in Antiquity**. Princeton: Princeton University Press, 2011.

HALL, Edith. **Inventing the Barbarian: Inventing the Barbarian: Greek Self-Definition through Tragedy**. Oxford: Clarendon Press, 1989.

HARTOG, François. **O Espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

HALL, Jonathan. **Hellenicity: Between Ethnicity and Culture**. University of Chicago Press, 2002.

ISAAC, Benjamin. **The Invention of Racism in Classical Antiquity**. Princeton: Princeton University Press, 2004.

LÉVINAIS, Emmanuel. **Alterité e transcendence**. Fata Morgana, 1995.

PROULX, Geneviève. **Femmes et féminin chez les historiens grecs anciens**. Tese (Doutorado em História) - Université du Québec à Montréal, Doctorat en histoire, Québec, Canada, 2008.

SCHMITT-PANTEL, Pauline. **Aithra et Pandora. Femmes, Genre et Cité dans la Grèce antique**. Paris: L'Harmattan, 2009.

SEBILLOTTE CUCHET, Violaine. Cidadãos e cidadãs na cidade grega clássica. Onde atua o gênero? **Revista Tempo**, Niterói, v.21, n.38, 2015, p.1-20.

SKINNER, Joseph Edward. **The invention of Greek ethnography: from Homer to Herodotus**. New York: Oxford University Press, 2012.

WEYLAND, Raphaël. **Visions de l'altérité dans l'Antiquité: l'historiographie et le cas des Perses sassanides (Ammien Marcellin, Théodoret de Cyr, Procope de Césarée)**. Dissertação (Mestrado em História) - Université du Québec à Montréal, Québec, Canada, 2012.

ZEITLIN, Froma I. 'Cap.4. Signifying difference: the myth of Pandora.' *In: HAWLEY, Richard; LEVICK, Barbara (ed.). Women in Antiquity: new assessments*. 2003, p.58-74.